

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: LINO BROCKA - MATEM O ARTISTA NACIONAL  
16 e 23 de outubro de 2026

**TINIMBANG KA NGUNIT KULANG / 1974**  
(*Weighed But Found Wanting – “Pesado e Achado em Falta”*)

um filme de LINO BROCKA

*Realização:* Lino Brocka / *Argumento:* Mario O'Hara, a partir de uma história de Lino Brocka / *Direção de fotografia:* Jose Batac Jr. / *Montagem:* Augusto Salvador / *Música original:* Lutgardo Labad / *Figurinos:* Julie De Guzman / *Caracterização:* Conching Morato (maquilhagem), Ernie Carvajal, Lota Garcia e Len Santos (maquilhagem especial) / *Cenários:* Mario Austria, Torino Galima e Vic Santos / *Som:* Gregorio Ella (supervisão), Augusto Tanquintic (captação de som) / *Interpretação:* Christopher de Leon ("Junior" Blanco, o jovem), Mario O'Hara (Bertong Ketong, o leproso), Lolita Rodriguez (Kuala, a louca), Eddie Garcia (Cesar Blanco, pai de Junior), Lilia Dizon (Carolina Blanco, mãe de Júnior), Hilda Koronel (Evangeline Ortega), Laurice Guillen (Milagros), Orlando Nadres (Mr. Del Mundo, o professor), Ernie Zarate (Dr. Ambrosio Ortega, o médico, pai de Evangeline), Anita Linda (Honor Ortega, a mãe de Evangeline), Alicia Alonzo (a amante de Cesar), Lily Mirafior (Trinidad), Joonee Gamboa (o pai de Eddie), Lorli Villanueva (Chayong), Rosa Aguirre (Lola Jacoba, a avó de Milagros), Mely Mallari, Estrella Kuenzler, Bey Vito (Eddie), Joseph Sytangco (Nitoy, amigo de Junior), Jerry O'Hara (Joel), Nina Lorenzo (Gracia), Lily Gamboa (colega de Evangeline), Chito Ponce Enrile (Domeng), entre outros.

*Produção:* CineManila Corporation (Filipinas, 1974) / *Produtor:* Raul Roco / *Cópia:* DCP (Calotta Films, digitalização 4K de materiais em 35mm do BFI, restauro digital promovido por Film Development Council of the Philippines (FDCP), Philippine Film Archive (PFA), Carlotta Films e Janus Films – Criterion, nos laboratórios da L'Imagine Ritrovata em 2026), colorida, falada em Tagalog e legendada em inglês e eletronicamente em português / *Duração:* 129 minutos / *Estreia comercial nas Filipinas:* 30 maio de 1974 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

**A sessão de dia 16 com apresentação**

---

**Tinimbang** é o filme paradigmático da filmografia de Lino Brocka, o filme a partir do qual se dá uma viragem na sua produção, no seu entendimento do cinema e no seu entendimento enquanto autor. É o filme do seu amadurecimento – segundo Nick Deocampo, “é aqui que Brocka olha de outra forma para o seu ofício, e compreende algo inovador: o cinema pode ser uma ferramenta de crítica social”.

Isto por três diferentes ordens de razão:

1) foi o primeiro filme do realizador depois do início da Lei Marcial que impôs a ditadura de Ferdinando Marcos nas Filipinas (a suspensão democrática começou em 1972, e em 1973 o ditador reviu a constituição para se eternizar no poder), ditadura essa que surgiu acompanhada por uma forte censura e pela perseguição de quaisquer opositores ao regime, tendo sido também o primeiro filme após uma pausa de pouco mais de um ano (imposta pela ditadura – período em que o realizador se voltou a dedicar ao teatro e deu aulas numa escola de raparigas);

2) depois de vários filmes de natureza mais comercial, vários deles adaptações de “komiks”, as muito populares bandas-desenhadas filipinas, este foi talvez o primeiro filme em que o realizador conseguiu afirmar-se artisticamente e, para isso, muito terá contribuído a fundação da produtora CineManila, casa por si dirigida (a ele cabiam as decisões artísticas, Raul Roco geria as questões comerciais e de financiamento) e que lhe permitia uma renovada liberdade de criação (esta empresa

produziria apenas quatro filmes até se terem vistos obrigados a declarar falência – ao longo de mais de uma década Brocka estará a pagar as dívidas dessa desventura);

3) muito embora já tivesse rodado filmes a partir de argumentos ou ideias originais suas, este foi – claramente – um dos seus projetos mais pessoais, isto porque o “material de origem” era a sua própria adolescência – **Tinimbang** é um filme abertamente autobiográfico – e com o seu autorretrato vinha uma renovada atenção ao retrato da realidade socioeconómica das filipinas.

Pegando neste último ponto, no documentário **Signed: Lino Brocka** o filme é abordado enquanto reflexo do próprio realizador. Nas palavras de Brocka, “é um filme sobre um rapaz a crescer numa terra pequena, onde aprende importantes lições de vida com aqueles que era menos expectável que lhas pudessem ensinar. À medida que crescemos tentamos perceber *porque* somos diferentes dos demais”. O realizador do documentário, Christian Blackwood, pergunta-lhe, “É então muito autobiográfico?”, “Sim, eu sempre fui muito diferente das pessoas da província da minha mãe. Os meus valores eram completamente diferentes dos dela. Talvez tenha que ver com o modo como o meu pai me educou.”

Talvez mais do que qualquer outro filme do cineasta filipino, **Tinimbang** tem uma forte dimensão de autorretrato. Junior é uma projeção das memórias do realizador, dos anos que em viveu numa pequena povoação isolada, especificamente San Jose, na província de Nueva Ecija (ao norte de Manila), a aldeia da sua mãe, para a qual ele e os seus irmãos se viram obrigados a mudar após a morte do pai (Lino tinha seis anos e as razões do homicídio do pai nunca foram completamente esclarecidas). Quem permanecer até ao final da projeção verá, nos agradecimentos, uma menção às pessoas de San Jose, onde o filme foi efetivamente rodado. A juntar a isso, outros elementos autobiográficos evidenciam-se no filme, como seja a presença de Berto, o homem leproso. Lino Brocka, antes de se dedicar ao cinema, tornou-se mórmon (ele que havia tido um ensino católico) e foi missionário numa colónia de leprosos. Daí a referência bíblica do título. **Tinimbang Ka Ngunit Kulang** corresponde a uma passagem do Livro de Daniel, “Pesado foste na balança, e foste achado em falta” (Daniel 5:27b), numa alusão aos desequilíbrios da balança da justiça que não “pesa” todos por igual. Outros elementos autobiográficos: o pai do realizador foi condenado por bigamia e esteve preso por isso; a personagem do professor homossexual é, claramente, uma alusão ao próprio Brocka que, como referi, tinha acabado de dar aulas numa escola católica.

Por tudo isto, este é um filme sobre o despertar de uma consciência política, não só para a personagem de Junior, mas também para o próprio cineasta que, diante de uma recém-criada ditadura percebeu que o seu cinema teria que questionar (a partir de dentro) o regime e a sua base de apoio. É, portanto, o filme do despertar de uma consciência de classe (no caso de Junior), uma consciência dos mecanismos de desfavorecimento, uma consciência dos ciclos viciosos de estigmatização e exclusão daqueles que não se enquadram nas normas (bacocas) da sociedade – “uma terra pequena pode ser tão cruel...” (diz Brocka no referido documentário). É importante, neste ponto, esclarecer algo (que Nick Deocampo não se cansa de sublinhar): Lino Brocka, sendo um cineasta subversivo, trabalhou (pelo menos até 1986, quando Marcos foi deposto) dentro do sistema de financiamento capitalista e dentro dos limites impostos pela censura.

Brocka sabia que um filme abertamente político seria censurado e isso traria consequências para os financiadores e para a sua futura carreira. Além disso, estes eram filmes sem subvenções, pelo que tinham que recuperar o investimento nas salas, competindo contra os *blockbusters* americanos. Se **Tinimbang** foi um enorme sucesso nas Filipinas (só agora, em 2026, com esta belíssima cópia digital, o filme teve estreia fora do seu país), isso deveu-se à trama melodramática e ao efeito de reconhecimento dos espectadores e menos à sua mensagem política, que é apenas identificável nas entrelinhas (em **Tinimbang** ouve-se, na canção que abre e encerra o filme, uma referência aos

“lábios cosidos” e às “orelhas cortadas”, que remetendo para a alegoria bíblica do Livro de Daniel, não deixam de comentar a situação do país). Se vários filmes de Brocka seriam cortados, as intervenções dos censores eram cirúrgicas e retiravam linhas de diálogo aqui e ali. Os filmes não eram proibidos. Só depois da revogação da Lei Marcial (em 1981) é que Brocka assinaria **Bayan Ko**, em 1984, um filme abertamente antirregime, e por isso, só esse seria completamente banido (sendo que, para o caso, terá tido alguma influência a estreia em Cannes, onde Brocka apareceu com uma camisa ensanguentada e denunciou, na conferência de imprensa, a violência criminosa da ditadura – o regime tentou inclusivamente capturar e destruir o negativo).

A construção narrativa de **Tinimbang** é particularmente ardilosa, uma vez que se estrutura em torno de duas histórias paralelas cuja ligação é difícil de estabelecer (pelo menos durante grande parte do filme – o clímax vem explicitar aquilo que o filme havia evocado antes de forma indireta). Refiro-me à história de Junior (sendo que o filme assume, frequentemente, o seu ponto de vista, apagando-se a personagem para nos dar a ver a comunidade onde habita) e à história de Kuala, a mulher doida que vagueia pelas ruas. Estes dois caminhos, que pontualmente se cruzam, correm em simultâneo. Até que – já uma hora passou – surge uma terceira personagem: Berto, o leproso. A sua posição de exterioridade (imposta pela comunidade, que o rejeita por conta da sua doença e do seu aspeto), oferece-lhe um ponto de observação que carrega o peso da moralidade (há uma lição humanista que é muito explicitada num dos diálogos entre Junior e Berto). Brocka vai, aos poucos, dispersando a sua atenção, afastando-se daquilo que parecia o foco inicial (a história do rapaz e a sua descoberta sexual), para converter o filme, progressivamente, num retrato coral, num fresco sobre a intolerância de uma povoação fortemente marcada pela religião e pela ruralidade (a promessa da grande cidade, Manila, escuta-se num ou noutro diálogo como um território mítico de múltiplas liberdades).

E para essa desorientação narrativa inicial muito contribui a extraordinária sequência de abertura, filmada num sépia altamente contrastado, quase sem diálogos, num delírio surrealista com toques de expressionistas, onde a expressividade dos fundidos é completamente avassaladora (a cabeça que se dilui no alguidar ensanguentado, as mãos que cavam a paisagem para enterrarem o nado morto). Tudo feito em grandes planos, em olhares silenciosos, em gestos curtos. Esses primeiros cinco minutos de filme (que assombram todos os outros, em sucessivos *flashbacks*) evidenciam já o desejo de perturbar o espectador – coisa que se acentuará com o passar dos anos, especialmente após a desilusão revolucionária.

E o que dizer da cínica sequência em que Berto “seduz” Kuala com o brinquedo de criança, desenhada em campos e contracampos subjetivos de 180º (que, depois, revelam uma outra realidade que o filme, propositadamente, nos havia ocultado)? E o sexo em eclipse que se esconde naquele fundido com o sol a arder na cabeça de Kuala? E, ainda aí, a forma como se apresenta o desejo de Berto através de um perturbador *zoom* na virilha da rapariga inconsciente (logo após este sair de uma sala de cinema!). Em toda essa sequência – talvez a mais desconcertante do filme, justamente porque parece fora de tom – evidenciam-se os paradoxos que estão na base das personagens, na própria lógica do filme e – convenhamos – na própria mundividência de Lino Brocka. O olhar do realizador é atravessado por contradições terríveis (impostas pela religião, da qual nunca se consegue libertar) que se manifestam em guinadas tonais, em reviravoltas emocionais, em transformações súbitas de personagens, em desacertos formais. Mas tudo isso é demonstrativo da natureza borbulhante do seu cinema. De como as coisas fervem nas suas mãos. E o que ferve pode sempre queimar. **Tinimbang** queima.

Ricardo Vieira Lisboa